

Inquilinos criam mais uma favela na Ceilândia

PAULO BARROS

Da Sucursal

Enquanto o brasiliense aproveitava os dias da Semana Santa para descansar, cerca de 500 famílias — a maioria residente em fundos de quintal na Ceilândia — não perderam tempo e, da noite para o dia, criaram uma nova invasão no final do Setor QNQ, próximo à barragem do Rio Descoberto.

A invasão começou a ser formada na quinta-feira passada. Pedaços de papelão, tábuas, caixotes, folhas de zinco, tudo foi aproveitado para a construção dos barracos improvisados, dispostos lado a lado em uma extensão de, pelo menos, dois quilômetros. A justificativa geral para a formação da favela é a falta de dinheiro para o pagamento de aluguel.

Durante todo o dia de ontem, a cada 15 minutos podia-se notar a chegada de mais uma família na esperança de que, invadindo, conseguirem pressionar o governo e, assim, ganhar um lote da Shis. Até uma cisterna com três metros de profundidade foi construída num prazo recorde de três horas para abastecer de água a nova invasão.

O risco maior para a segurança dos invasores, conforme explicações de policiais militares que ontem faziam a contagem dos barracos já erguidos na invasão, é que eles estão posicionados exatamente debaixo da rede de alta tensão que distribui energia elétrica para toda Ceilândia e Taguatinga. Segundo os PMs, aquela área é de grande incidência de relâmpagos quando chove, o que determina perigo constante de acidentes.

Proibitivo — Mesmo assim, as famílias invasoras teimam em permanecer alegando que o custo de vida tornou proibitiva qualquer tentativa de locação de imóvel para a população de baixa renda no DF. Eliania Féliz de Souza, por exemplo, afirma que tem quatro filhos, trabalha no IBF recebendo um salário mínimo mensal e pagando CR\$ 20 de aluguel na QNQ 17, Conjunto 2, Casa 10. Segundo ela, que não é cadastrada na Shis, a única solu-



Cerca de 500 famílias construíram barracos da noite para o dia

ção foi invadir para fugir do aluguel.

Francisco Valdizan do Nascimento, de 42 anos, feirante desempregado e morador na QNQ 15, Conjunto C, Casa 40 também optou pela invasão. Ele diz que é cadastrado na Shis desde 1976 e até hoje nunca recebeu seu lote tendo que pagar atualmente CR\$ 60 mil de aluguel. Esta é a mesma situação de Doralice Tereza da Conceição, de 65 anos. Ela e toda a família desembarcaram ontem no local da invasão trazendo na carroceria de um caminhão toda a mobília e até um gato de estimação. "Sou inscrita na Shis desde que começaram a inscrever os sem-teto e jamais fui beneficiada com o programa de assentamento", reclama.

Rigor — De acordo com o secretário de Comunicação Soci-

al do GDF, Wellington Morais, "o governo não admite qualquer proliferação de invasões no Distrito Federal e com certeza vai providenciar a imediata retirada dos barracos erguidos naquele setor de Ceilândia". O secretário explica que, com a política habitacional do governador Joaquim Roriz criando novos assentamentos, não há por que concordar com a formação destas invasões.

Wellington acrescenta que "todos aqueles cadastrados na Shis e com moradia em Brasília por mais de cinco anos podem estar certos que receberão seus lotes". Quanto àqueles que não garantiram a inscrição, o secretário afirma que as oportunidades foram inúmeras, "prova disto é que o programa de assentamento já atendeu a nada menos que 650 mil pessoas em todo o DF".